

Maquiavel, o estrategista pensador e sua contemporaneidade

Machiavelli, the strategist thinker and his contemporary

Maquiavelo, el estratega pensador y su contemporaneidad

André Panno Beirão^I

RESUMO

Nicolau Maquiavel tornou-se um dos mais célebres e estudados pensadores renascentistas que possibilitou o advento da Era Moderna. No entanto, ainda que sua obra mais famosa seja o livro **O Príncipe**, outras obras trazem também forte relevância sobre seu viés desbravador. O presente trabalho procura agregar que sua contribuição ultrapassa os umbrais da política, trazendo também inovações na área estratégica e do uso da força pelo poder instituído. Procura-se fundamentar tal estudo no conjunto das obras mais conhecidas do florentino (**O Príncipe, Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio e A arte da guerra**), conjugando e confrontando esse viés para subsidiar o realce de quais áreas do pensamento estratégico ele abordou. Busca, portanto, apresentar sua contribuição na formulação de regras que, somente muito depois, fundamentaram novos avanços do pensamento estratégico ocidental. De outro lado, procura-se também mostrar, por uma abordagem crítica, os caminhos por ele indicados que acabaram por se mostrarem não promissores até os dias atuais.

Palavras-chave: Maquiavel. Estratégia. Militar. Pensamento estratégico.

ABSTRACT

Niccolò Machiavelli became one of the most celebrated and studied Renaissance thinkers that made the advent of the modern Era possible.

*However, even if his most famous work is the book **The Prince**, other works also bring strong relevance over his TrailBlazer bias. The present paper is intended to demonstrate that his contribution goes beyond the political thresholds, also bringing innovations in the strategic area and the use of force by the instituted power. This study is based on all of the most well-known works of the Florentine (**The Prince, Discourses on the first decade of Tito Lívio and The art of war**), combining and confronting this bias to subsidize the highlighting of which areas of strategic thinking he addressed. It is therefore intended to present its contribution in the formulation of rules that, only long after, founded new advances of the western strategic thought. On the other hand, it is also intended to show, by means of a critical approach, the paths indicated by it that have turned out to be unpromising to this day.*

Keywords: Machiavelli. Strategy. Military. Strategic thinking.

RESUMEN

*Nicolás Maquiavelo se convirtió en uno de los más célebres y estudiados pensadores renacentistas, el cual posibilitó el advenimiento de la Era Moderna. Sin embargo, aunque su obra más famosa sea el libro **El príncipe**, otras obras traen también una fuerte relevancia, bajo su sesgo desbravador. El presente trabajo busca añadir que su contribución sobrepasa los umbrales de la política, trayendo también innovaciones en el área estratégica y en el uso de la*

I. Escola de Guerra Naval (EGN) – Rio de Janeiro/RJ – Brasil. Capitão de Mar e Guerra (RM1). Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: beirao@marinha.mil.br
Recebido: 21/07/2016 Aceito: 04/07/2017

fuerza por el poder instituido. Se busca fundamentar tal estudio en el conjunto de las obras más conocidas de ese florentino (El príncipe, Discursos sobre la primera década de Tito Livio y Del arte de la guerra), conjugando y confrontando ese sesgo para subsidiar el realce de qué áreas del pensamiento estratégico él abordó. Busca, por lo tanto, presentar su contribución en la formulación de reglas que, sólo mucho tiempo después, fundamentaron nuevos avances del pensamiento estratégico occidental. Por otro lado, también se busca mostrar, a través de un enfoque crítico, los caminos por él indicados, los cuales llegaron a mostrarse no prometedores hasta los días actuales.

Palabras clave: Maquiavelo. Estrategia. Militar. Pensamiento estratégico.

1 INTRODUÇÃO

Poucos pensadores tornaram-se tão populares quanto Maquiavel. Seja mesmo pela tradição equivocada absorvida pelo inconsciente do povo sobre o que é ser **maquiavélico**, seja pelo estudo recorrente de seus preceitos políticos inovadores para a época. Fato é que, hoje, há bastantes referências bibliográficas de leituras e análises de sua obra política.

No entanto Maquiavel permeia, em suas diversas obras, conceitos típicos de estrategista e de visionário da arte militar e de como lidar com as guerras – fenômeno social intensamente vivido à época, com uma Europa em profunda reformulação pela constituição de seus Estados-nação¹, ainda que, em sua terra natal, essa consolidação fosse ser uma das mais tardias do continente.

Este trabalho tem, portanto, a pretensão de apresentar uma síntese das principais obras de Maquiavel, sob o prisma de preceitos estratégicos e militares. Ou seja, além de pensador político, foi um dos primeiros formuladores de ações típicas da estratégia. Busca-se mostrar seus conceitos, até então não difundidos, acerca da necessidade de exércitos profissionais constituído por nacionais conscritos, criticando a prática comum à época da utilização de mercenários. Secundariamente, seguindo uma metodologia analítico-descritiva que corrobore a hipótese de sua construção estratégica,

serão apresentadas suas principais **regras** à estratégia militar, que seriam retomadas *a posteriori* por outros conhecidos pensadores deste campo do conhecimento. No entanto, como análise pressupõe críticas, serão iluminados alguns possíveis lapsos ou equívocos de Maquiavel, provavelmente provenientes de seu contexto temporal. Algumas dessas críticas coadunam-se com outros estrategistas.

O conceito de nação (ainda que nem mesmo **Estado Moderno** ele estivesse enfocando) parece merecedor de destaque na obra de Maquiavel, propagador do nacionalismo², necessário aos cidadãos que deveriam, com patriotismo, defender seus ideais. Sua forma **aconselhadora** e de contínua referência histórica parece apontar claramente à necessidade do uso da força para a **seguridade** do poder. Sua admiração pelos antigos, em especial por Roma, reflete-se, em certa medida, na forma de seus textos, muitas vezes com certo ar nostálgico³, presente em algumas obras e que merecem apontamento neste trabalho.

A dissuasão⁴ (estratégia militar amplamente demonstrada, em especial, durante a chamada Guerra Fria do século XX) já aparece indicada em sua obra, ainda que de forma apenas insinuada. Vários outros conceitos retomados e rebatizados por autores como Clausewitz ou Jomini já são, da mesma forma, apresentados e introduzidos por Nicolau Maquiavel.

Assim, entre as principais obras de Maquiavel, perenes até os dias atuais, quais sejam, **O Príncipe**, **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio** e **A arte da guerra**, busca-se destacar as características inovadoras que permitam acrescentar ao **pensador político** o currículo de precursor da estratégia militar.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Durante a segunda metade do século XV emergia na Europa o Renascimento. Movimento artístico, político e cultural que motivou profundas mudanças nas relações de poder com a Igreja e, assim, marcou a transição da Idade Média à Era Moderna.

Nesse contexto, a península itálica encontrava-se há muito desunida e enfraquecida pela corrupção e

¹ Até a Baixa Idade Média – época de Maquiavel – a principal constituição política da sociedade era a de cidades-feudo. Portanto ainda não era consolidada no eurocentrismo a ideia de Estado formalmente constituído (e modernamente entendido) agregando povo-território-governo, com a proeminência da soberania estatal, portanto, com raras exceções (como em Portugal) ainda não se pode associar a ideia de Estado-nação ao contexto local da península itálica (NOVAES, 2005).

² Aqui entendido como sentimento de pertencimento e não como ideologia sociopolítica somente consolidada em séculos posteriores.

³ A forma da redação há de ser compreendida dentro de seu contexto literário de então. Portanto as obras destacadas do autor referencial possuem forma literária mais próxima de crônicas e romances que de compêndios conceituais e analíticos, sem, no entanto, incorporarem os conceitos que imortalizaram suas reflexões.

⁴ “Atitude estratégica que, por intermédio de meios de qualquer natureza, inclusive militares, tem por finalidade desaconselhar ou desviar adversários, reais ou potenciais, de possíveis ou presumíveis propósitos bélicos.” (BRASIL, 2007).

constantemente conflitos diplomáticos e bélicos entre as cidades-Estado que, basicamente, aglutinavam áreas de influência e que, em conjunto, coabitavam essa região que, somente no século XIX, iria consolidar o Estado da Itália. Os principados italianos recorriam, frequentemente, às demais monarquias absolutas europeias para **auxílio** nos seus conflitos. Nesses tempos, nasce em 1469, em Florença, Nicolau Maquiavel.

A carreira de Maquiavel como escritor político começou quando a família dos Médicis retornou a Florença, em 1512, e o expulsaram da Chancelaria, onde prestou serviço à República Florentina durante 14 anos. Tal afastamento propiciou o início de trajetória como pensador crítico à realidade que se lhe impunha.

Seu método inovador funda-se na

Observação fria e objetiva dos fatos, recorrendo à experiência histórica e à indução para fixar as normas da conduta política, mais propícias a assegurarem a conquista e a preservação do poder político. (SCOREL, 1979, p. 11).

No alvorecer do século XVI, Maquiavel, funcionário público de carreira, porém constantemente **ameaçado** pelas trocas de poder em Florença, escreve seus principais legados à humanidade: **O Príncipe** (1513), **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio** (1513-1520), **A arte da guerra** (1519-1520), **História de Florença** (1520-1525) e **A Mandrágora, uma peça teatral** (1522).

Diversos sábios da Antiguidade do período clássico, portanto precursores na arte de pensar o Mundo e suas relações, dedicaram-se ao estudo da Política. Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, entre outros, legaram obras ímpares. Entretanto o matiz ético e moral permeia tais obras, em tal magnitude, que Maquiavel parece quebrar os paradigmas dos textos clássicos. Seu caráter empírico-indutivo de formular normas a regerem o comportamento dos homens é inovador. Utiliza-se do empirismo histórico da Antiguidade greco-romana e dos principados itálicos de sua época (ou próxima).

3 O QUE BUSCAVA MAQUIAVEL?

Observando sua obra mais famosa, **O Príncipe**, pode-se depreender sua angústia com a instituição do poder, em que nem o povo, nem a aristocracia parecem atuar para salvaguardar todos. Sua clareza da corrupção reinante da república nascente parece apontar a necessidade do Estado

absolutista. Seria realmente este o fim que Nicolau almejava? Ou seria o meio de atingir o **seu fim**?

Neste livro, ele parece dialogar com o novo **chefe do poder**: o príncipe. Parece uma reflexão sobre os costumes vigentes na sociedade local e, decorrentemente, como o governo necessita de *virtù e fortuna*⁵ para perseverar. Desse diálogo de aconselhamentos, pode-se, exemplificar o seguinte:

Comparo a sorte a um desses rios impetuosos que, quando se irritam, alagam as planícies, arrasam as árvores e as cassas, arrastam terras de um lado para levar a outro: todos fogem deles, mas cedem ao seu ímpeto, sem poder detê-los em parte alguma. Mesmo assim, nada impede que, voltando a calma, os homens tomem providências, construam barreiras e diques, de modo que, quando a cheia se repetir, ou o rio flua por um canal, ou sua força se torne menos livre e danosa. O mesmo acontece com a Fortuna, que demonstra a sua força onde não encontra uma Virtù ordenada, pronta para resistir-lhe e volta o seu ímpeto para onde sabe que não foram erguidos diques ou barreiras para contê-las. (MACHIAVELLI, 1990, p. 56).

No entanto há visões díspares quanto ao interlocutor de Maquiavel. Apesar de em seu preâmbulo (de **O Príncipe**) o florentino evidenciar que se dirige ao soberano, há análises de que, em verdade, ele utiliza o subterfúgio de afirmar interagir com o soberano, mas, em verdade fala ao povo como que para conscientizá-lo da forma de ação dos soberanos (OLIVEIRA, 2006).

Paralelamente, produziu os **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**, um verdadeiro tratado político sobre as virtudes do governo republicano e com breves apontamentos dos motivos que levaram o regime republicano a ter entrado no descrédito, sempre contrapondo suas causas e quais os **remédios** a serem ministrados para a salvação deste regime de governo. Seria este então o **fim** a que Maquiavel buscava, a restituição da república e não o Absolutismo que o tornou clássico no **Príncipe**?

Tal questionamento, apesar de recorrente, parece confluir a uma conclusão quase uníssona, pois, tanto em **O Príncipe** como nos **Discursos**, Maquiavel demonstra sua incontestável simpatia pelos regimes livres e populares. Exemplifica-se essa predileção advinda de parte da segunda obra citada:

[...] se um só homem é capaz de estabelecer normas para um Estado, este durará bem pouco tempo, se um só homem também continuar a suportar todo seu peso. Não acontece o mesmo quando sua guarda é confiada a um grande número de pessoas. (MACHIAVELLI, 1979, p. 50).

⁵ Os conceitos de Virtù e Fortuna são fundamentais à argumentação de Maquiavel. De forma sumária, Virtù. A Virtù trata da capacidade do príncipe em controlar as ocasiões e acontecimento do seu governo, das questões do principado. O governante com grande Virtù constrói uma estratégia eficaz de governo capaz de sobrestar as dificuldades impostas pela imprevisibilidade da história. Essa imprevisibilidade da história, principalmente agregada de fator alheio às características do Príncipe, como a sorte e mesmo o acaso, seria a Fortuna. O governante virtuoso é aquele cujas virtudes não sucumbem ao poderio da caprichosa e inconstante Fortuna (SOUZA, 2014).

Ele consolida essa opção logo a seguir: “[...] para instituir uma república é preciso a ação de um só homem; [...]” (MACHIAVELLI, 1979, p. 51).

A evolução histórica parece corroborar a tese de Maquiavel. A grande maioria dos Estados ocidentais foi constituída sob o regime monárquico-absolutista e, num segundo momento, evoluiu para o regime republicano ou monárquico-parlamentarista.

Esses pensamentos identificam a obra política de Maquiavel com seus ideais renascentistas. Ao relegar à outra ordem de discussão os valores cristãos sobre os quais se apoiavam as velhas instituições da Idade Média.

Sendo eles [os principados eclesiásticos] dirigidos por razão superior, a qual a mente humana não atinge, deixarei de falar ao seu respeito, mesmo porque, sendo engrandecidos e mantidos por Deus, seria obra de homem presunçoso e temerário dissertar a seu respeito. (MACHIAVELLI, 1990, p. 68).

Esse estrategista pensador previu a direção para a qual se movia politicamente a sociedade e vislumbrou o delineamento de uma nova ordem política, que impera até os dias atuais, baseada na instituição do Estado Moderno.

4 MAQUIAVEL: O ESTRATEGISTA

Maquiavel não se limitou a aconselhar seu príncipe na arte de governar os povos. Também lhe apresentou conselhos no campo da estratégia, entendida como a “arte de preparar e aplicar o poder para conquistar e preservar objetivos, superando óbices de toda ordem.”⁶ (BRASIL, 2007, p. 100). Esse viés de sua obra não teve tanta divulgação, no entanto deixa claro seu pioneirismo na codificação de preceitos militares e atinentes à guerra. Seus ensinamentos neste ramo encontram-se não só nos textos de **O Príncipe e Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio** como também em **A arte da guerra**. Parece assim aconselhar os soberanos não apenas como assumir o poder, mas também como conservá-lo.

Com efeito, todas as artes praticadas na sociedade em função do bem comum, todas as instituições nela fundadas mediante o respeito às leis e o temor de Deus seriam vãs se não se preparasse igualmente sua defesa, a qual, se eficaz, permite mantê-las, mesmo quando imperfeitamente estruturadas. Mas sem o apoio militar as boas instituições não podem subsistir em boa ordem. (MACHIAVELLI, 1980, p. 13).

Por isso ele acreditava que as tropas mercenárias (até então largamente empregadas pelos Feudos e pelas Cidades-Estado) eram inúteis e proclamavam que a segurança dos Estados requer do exército a formação por seus próprios cidadãos.

“Todo exército deve obedecer a um só comandante, e não a vários; a multiplicidade de chefes é nociva.” (MACHIAVELLI, 1979, p. 365). Sendo contrário ao indivíduo-profissional-militar que presta serviços decorrentes de suas paixões e interesses privados.

Desordens [...] devem-se exclusivamente a homens que usaram a arte militar em seu próprio benefício. [...] Com efeito, os que não sabem viver de outra forma não encontram quem os sustente e são desprovidos do valor necessário para suportar honradamente uma situação difícil, são forçados pela necessidade a agir mal, e a Justiça por sua vez é forçada a exterminá-los. (MACHIAVELLI, 1980, p. 19).

Deixa claro, assim, que o vigor militar não deve estar à venda a quem possa pagá-lo. Deve ser um serviço com honra, amor e dedicação a valores comuns e não privados. Arremata tal conceito ao afirmar:

[...] primeiro, que um homem reto não poderia empregar a arte militar em seu próprio benefício, segundo, que uma república ou reino bem organizado não permitiria jamais que seus cidadãos ou súditos agissem dessa forma. (MACHIAVELLI, 1980, p. 19).

Por fim, afirma que apenas nas repúblicas sem máculas foi possível ao homem pôr-se em armas pelo bem comum e, após o triunfo e retorno da guerra, poderia depor as armas que empunhava com maior satisfação e retornar às suas atividades normais sem jamais esperar sustentar-se como militar (MACHIAVELLI, 1980, p. 20).

Considera-se, pois, tal conselho e conceito inovadores de Nicolau por estarem bem explícitos em sua obra. Há necessidade de exércitos regulares que sejam justamente sustentados pelo Poder constituído a fim de que possam estar prontos e ágeis (na paz) para o emprego na guerra.

“Governos sábios [...] souberam compensar os inconvenientes aos que se destinavam às armas e a necessidade de contínuo exercício.” (MACHIAVELLI, 1979, p. 20). Ainda acrescenta,

⁶ Para aprofundamento conceitual sobre **estratégia**, acessar: Coutau-Bégarie (2010) ou Gray (2002).

Se o soberano não se organiza de modo que seus infantess estejam contentes em voltar para casa **nos tempos de paz**, retornando às suas atividades normais, necessariamente se arruinará. (MACHIAVELLI, 1980, p. 21, grifo nosso).

Mais que isso, antevê que apenas o **Estado bem ordenado** deseja que a arte da guerra seja, em tempos de paz, empregada como exercício, ficando os poderes públicos dela incumbidos com exclusividade.

A mais importante repercussão oficial do pensamento de Maquiavel sobre os assuntos militares é sua proposta e aprovação de texto legal em dezembro de 1505, que determinou a organização de uma milícia florentina. O anteprojeto foi redigido por Maquiavel, que, logo na introdução, enunciava algumas de suas ideias favoritas: os fundamentos de uma república são **justiça e armas**, justificando que, por sua experiência, grandes gastos financeiros e a continuidade de **novos perigos** ao poder instituído demonstram que os exércitos mercenários são de utilidade questionável.

Maquiavel vê o fenômeno social da guerra como algo inevitável entre os povos e, por isso, preconiza a necessidade da virtú em quem tem o dever de preservar o Estado. “Deve-se confiar à defesa da liberdade a quem tem mais avidez por perdê-la. No caso: o povo.” (MACHIAVELLI, 1979, p. 33) e sugere que repúblicas expansionistas, ou seja, adeptas das Guerras de Agressão – Investida de um poder sobre outro, em lugar distinto) devem distribuir a guarda da liberdade ao povo e que repúblicas conservacionistas devem deixá-la com os poderosos do poder (MACHIAVELLI, 1979), pois:

unido, o povo é forte, individualmente, é fraco. Reunidos, os homens se enchem de coragem; mas quando cada um reflete no perigo que o cerca, torna-se a multidão fraca e covarde. (MACHIAVELLI, 1979, p. 181- 182).

Passa então a discorrer sobre como empregar a arte de guerra, propriamente dita, nos seus desdobramentos táticos, tecendo paralelos à disposição das forças (exércitos) pelos romanos (em três linhas sucessivas e complementares, com alas reforçadas) ou pelos gregos (em um só corpo de exército, com apoio homem a homem) (MACHIAVELLI, 1979). Onde estaria tentando Maquiavel chegar com tais paralelos tão táticos? Que conceito fundamental desejava passar? Ou seria mera reflexão detalhista da arte de combater? A firma Peter Paret.

As novas leis da guerra que Maquiavel desejava ver adotadas na Itália, eram as velhas leis da ordem militar romana. Os verdadeiros princípios de guerra de sua autoria são em grande parte, tentativas de mostrar, com base em fontes antigas, como os romanos conduziam as guerras. (PARET, 2001, p. 41).

Maquiavel, servidor público de carreira, provavelmente não possuía conhecimentos tão profundos de batalhas para discorrer sobre seus afazeres táticos. Almejava, assim, concluir sobre a necessidade do cumprimento do apoio mútuo entre soldados (fruto da tradição grega) e do vigor e da massa gigantesca dos exércitos (empregados pelos romanos). Dessa forma, mais que afirmar a necessidade de exércitos regulares e valorosos reafirmava que os mesmos teriam de ser volumosos, para tranquilidade do poder do Soberano. Chega mesmo a citar números: “os romanos tinham exércitos de cerca de 24 mil homens.” (MACHIAVELLI, 1980, p. 28), número bastante relevante, até mesmo para os dias atuais.

Outro dado em relação à estratégia de guerras é o ataque velado que Maquiavel faz ao emprego dos canhões e da artilharia. Na realidade, seu objetivo não parece querer desacreditar o valor do material bélico ou mesmo desprezar a inovação, insinuando ser retrógrado e desconhecedor dos avanços tecnológicos do seu tempo. Seu objetivo primeiro era demonstrar, desde então, que as inovações (tecnológicas) na arte de guerrear não superam “os nervos da guerra que não são os tesouros, mas os bons soldados.” (MACHIAVELLI, 1979, p. 228). A vitória vem de um exército confiante em si e de um general aguerrido e prudente (MACHIAVELLI, 1979). Sua convicção, quanto à exaltação às táticas militares romanas, tinha a intenção de discutir uma objeção óbvia à aplicação do modelo romano à sua época: a invenção da artilharia, que introduzira na guerra um elemento que parecia tornar os métodos romanos obsoletos. Porém a discussão ou - mais corretamente - a refutação do revolucionário significado da pólvora não impede, de todo, que o mundo moderno partilhe da **Roma ideal** de Maquiavel. Ele afirma que o objetivo da guerra deve ser enfrentar o inimigo em campanha e, lá, derrotá-lo. Essa seria a única forma de **levar uma guerra à conclusão feliz**.

Parte então Maquiavel de um corolário estratégico que embasasse qualquer soberano a como decidir-se pela guerra (ou não) e a como atuar nesses momentos. Sucinto, simples e direto, ele afirma em suas regras gerais, conforme Quadro 1:

Quadro 1 - Regras gerais ao processo decisório do soberano – corolário estratégico.

O que favorece o inimigo me prejudica; o que me favorece prejudica o inimigo. Difícilmente será vencido quem souber avaliar suas forças e as do inimigo.	COMPARAÇÃO DE PODERES COMBATENTES
Quem na guerra observar com maior vigilância as intenções do inimigo e mais exercitar seus exércitos, correrá menos perigos e terá maior probabilidade de vitória. Os acidentes repentinos são resolvidos com dificuldade; os que foram previstos, facilmente.	PLANEJAMENTO E ADESTRAMENTO
Não devemos jamais conduzir os soldados à batalha se antes não nos certificarmos de que seu ânimo é disciplinado e isento de medo. Não se deve combater senão quando se vê a esperada vitória. Na guerra, a disciplina pode mais do que o ímpeto. Mantemos os soldados nos quartéis com o medo e com penalidades; na guerra, nós os conduzimos com esperança e com prêmios.	HIERARQUIA E DISCIPLINA
É melhor vencer o inimigo com a fome do que com o ferro, pois na vitória obtida com este vale muito mais a sorte que o valor. Quem persegue em desordem o inimigo, depois de vencê-lo, quer passar de vitorioso a derrotado. Convém nos aconselharmos com muitos a respeito das coisas que devemos fazer; depois, devemos confiar a poucos aquilo que faremos.	ORDEM NO CUMPRIMENTO DA MISSÃO
Nenhum método é melhor que aquele que o inimigo não percebe até o adotarmos.	INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
Numa ordem de batalha é melhor prover reforços suficientes atrás da primeira linha que uma frente mais ampla, com soldados dispersos.	TÁTICA DE COMBATE
A natureza não faz muitos homens bravos; a aplicação e o exercício, sim.	ADESTRAMENTO
Na guerra, reconhecer a oportunidade e aproveitá-la vale mais que qualquer coisa. Quando se quer ver de dia se há algum espião no campo, que todos se recolham a seus alojamentos. Mudar de decisão quando perceber que o inimigo o descobriu.	INTELIGÊNCIA
Quem não prepara os alimentos necessários para subsistir é vencido sem o emprego das armas. Os homens, o ferro, o dinheiro e o pão constituem os pontos nevrálgicos da guerra, destes, os mais necessários são os dois primeiros, porque os homens e o ferro produzem pão e dinheiro, mas pão e dinheiro não fazem os homens e o ferro.	LOGÍSTICA

Fonte: Adaptado de Machiavelli (1980, p. 33-34).

Torna-se claro que cada regra geral é imbuída de forte valor conceitual. No entanto, ao escolhê-las, nova ordem foi proposta, diferentemente da sequência em que parecem em seu texto original. Buscou-se, com a disposição proposta, facilitar a consolidação das inovações conceituais típicas da estratégia nelas englobadas.

Vários conceitos, somente séculos depois, foram desdobrados e aprofundados por estudiosos militares,

mas se ressalte que, como pensador político, Maquiavel acrescenta forte viés estratégico ao apontar temas como Planejamento de Operações, Comparação de Poderes Combatentes, Hierarquia e Disciplina, Incorporação de Inovações Tecnológicas, Ordem no Cumprimento da Missão, Inteligência, Tática de Combate, Adestramento, Valor Moral da Atitude Militar e Logística.

Maquiavel, conforme já dito, não se preocupava apenas em aconselhar seu soberano a como conquistar e manter seu poder. Ele procurava ensinar, secundariamente, que conhecer a arte da guerra é de fundamental importância para os governantes e, que sem o apoio militar, as instituições não podem subsistir em boa ordem. Expressou sua convicção de que a chama que alimenta a coragem da tropa para a batalha é a crença na causa pela qual se deve combater (*virtù*). Por isso, acreditava que as tropas mercenárias eram inúteis e proclamava que a segurança do Estado requer que o exército seja formado por cidadãos plenos.

Ainda nos ensinamentos ao príncipe no campo estratégico, afirmava que, a exemplo de Roma, os Estados deveriam procurar atacar os inimigos um a um, evitando duas guerras simultâneas. Professava, também, que não se deve, por medo, transigir na esperança de afastar uma guerra inevitável, pois, desta maneira, aquele a quem se tiver cedido, longe de ficar satisfeito, exigirá outras e maiores concessões. Sustentava que a guerra deve ser curta e intensa, a fim de que não ser causa de desgaste para o vencedor ou para o derrotado, e que não se deve pôr em risco a **sorte** do Estado, sem empregar-se todas as suas forças (MACHIAVELLI, 1990).

Nos dias atuais, pode-se perceber nos exércitos nacionais dos Estados Modernos a inspiração em suas propostas de **milícias comunais**. A profissionalização militar decorre da formação dos Estados, que não podia prescindir do apoio militar na garantia de suas instituições, ao estabelecer a íntima ligação entre a política e a guerra, subordinando a segunda à primeira. Antecipou-se em três séculos à máxima popularizada do estrategista Clausewitz: “A guerra é a continuação da política por outros meios.” (CLAUSEWITZ, 1993, p. 297). Clausewitz, normalmente muito crítico e desdenhoso em relação a outros escritores militares, é não apenas cauteloso ao examinar sugestões feitas por Maquiavel como também admite que o florentino mostrasse “uma apreciação muito segura dos assuntos militares” (CLAUSEWITZ, 1993, p. 41). Essa é uma indicação com que Clausewitz concordou com o florentino em seu ponto básico de partida, não obstante os novos pontos importantes que introduziu na teoria militar e que se encontram fora da estrutura do pensamento de Maquiavel. Assim, até mesmo o grande revolucionário entre os pensadores da estratégia militar do século XIX não derrubou a tese fundamental de Maquiavel, mas a incorporou em sua teoria.

Outro exemplo de seu caráter inovador no campo estratégico é sua regra de Comparação de Poderes Combatentes (**Difícilmente será vencido quem souber avaliar suas forças e as do inimigo**). Na

realidade, é transcrição da máxima do estrategista oriental Sun Tzu, naturalmente seu antecessor em séculos. No entanto, como as primeiras traduções para idiomas ocidentais são posteriores à época de Nicolau, é pouco provável que os ensinamentos de Sun Tzu tenham-lhe sido conhecidos anteriormente.

Observa-se, ainda, que vários líderes dos séculos seguintes obtiveram glórias ou amargaram derrotas ao seguirem (ou não) as estratégias militares permeadas na obra de Maquiavel e consolidadas em suas regras gerais (a exceção da constituição de exército regular nacional ao invés de exércitos mercenários – regra esta não disposta nas suas **regras gerais**, mas largamente destacada ao longo de seus ensinamentos). Seus conceitos estratégicos não foram, entretanto, aprofundados em sua obra. Poder-se-ia especular que isso seja natural e possível consequência de seu desconhecimento e falta de experiência em ações militares, uma vez que era funcionário público da Toscana ou, ainda, por possível receio de agredir a casta militar, que se considerava senhora desse poder. Tais especulações não agregam, no entanto, descrédito em seus ensinamentos. A simplicidade de seus conceitos torna-o imortal na inovação da codificação estratégica militar.

5 A CONTEMPORANEIDADE DOS ENSINAMENTOS: REFLEXOS NOS PLANEJAMENTOS ESTRATÉGICOS DO SÉCULO XXI

Diversos dos preceitos contidos na obra do florentino deixam clara a visão de que seus preceitos teriam contornos de permanência atemporal. No entanto, por mais que tenham ocorrido evoluções estratégicas e decorrentes de Revoluções de Assuntos Militares (RAM) – conceito cunhado em 1993, por Andrew Marshall, decorrente do enorme sucesso do uso de novas tecnologias sobre as forças convencionais de Saddam Hussein na Guerra do Golfo (1990-1991), para descrever as transformações desencadeadas pelas novas tecnologias de informação sobre a tática, doutrinas e estrutura das forças armadas (PIELLA, 2008) –, pode-se afirmar que o combate terrestre manteve princípios que já existiam à sua época. Combates navais clássicos, como forma de se fazer a guerra, não eram vislumbrados a seu tempo, em que pese já tivessem ocorrido desde épocas clássicas precedentes (vide as guerras do Peloponeso) e a tradição de combates navais no leste do mar Mediterrâneo. Mas, ainda assim, não se pode dizer que a possibilidade da guerra naval era para ele completamente desconhecida. Ou seja, ainda que em contexto bélico, político e político bem distinto dos tempos contemporâneos, pode-se depreender que

em ambos os cenários havia mínimas condições para Maquiavel tentar lançar ensinamentos. Mas, o que dizer do combate aéreo? Evidentemente, não há qualquer insinuação em sua obra sobre a remota possibilidade de uso de meio aéreo em benefício de combate. Logo, a conclusão precipitada poderia ser a de que seus preceitos não previram esse vetor militar e que, portanto, não lhes guarda aderência ou não são aplicados.

O século XX pode ser retratado como o século da expansão geográfica da guerra. Até então, o mundo eurocêntrico concentrava as guerras entre seus Estados e, secundariamente, expandida para outras áreas como mero desdobramento de conflitos europeus que se estendiam às regiões coloniais. Foi no século XX que os contornos mundiais da guerra se firmaram. Ainda assim, passados quase quatro séculos da obra florentina, muito ainda se pode ver da vigência de seus preceitos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Neville Chamberlain teve seu fim político e Adolf Hitler decretou a derrota de seu **Reich**, ambos por olvidarem-se de alguns dos conceitos básicos introduzidos por Nicolau. O primeiro, por haver feito concessões a Hitler que colocaram seu Estado em perigo (em contrário à regra geral de Comparação de Poderes Combatentes); o segundo, por querer sustentar duas frentes de guerra simultaneamente (contrariando, assim, as regras gerais de Tática de Combate e de Ordem no Cumprimento

da Missão). Mais recentemente, os Estados Unidos da América – a maior potência mundial, seja econômica ou militar – sofreram, no Vietnã, uma desmoralização que gerou grave crise interna. Em 1991, sob a égide da ONU, colheram louros de uma vitória esmagadora no Oriente Médio (1ª Guerra do Iraque). Tais resultados foram obtidos à medida que deixaram de seguir ou se alinharam aos pensamentos puros e genéricos do secretário florentino que preconizava uma guerra curta e intensa, na qual o Estado deve empenhar todas as suas forças.

Quanto à validade de seus preceitos aos conceitos estratégicos do emprego do poder aéreo, como dito, era de se supor natural distanciamento, no entanto a clarividência e simplicidade de seus ensinamentos também podem ser vistos nesse emprego do poder bélico estatal, mesmo em contexto ainda nem vislumbrado por ele, como no caso do Brasil.

O Plano Estratégico Militar da Aeronáutica (PEMAER) – 2010-2031, por exemplo, prevê que “A hierarquia e a disciplina são a base institucional das Forças Armadas. A autoridade e a responsabilidade crescem com o grau hierárquico.” (BRASIL, 2010, p. 19) – confirmando os princípios da HIERARQUIA E DISCIPLINA do corolário estratégico de Maquiavel. Outras associações reforçam essa identidade, como mostra o Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - Previsão no PEMAER 2010-2031 – Regra do corolário estratégico.

<p>“O planejamento deve maximizar os resultados e minimizar as deficiências, utilizando princípios de maior eficiência, eficácia e efetividade. Eles são os principais critérios de avaliação da gestão. O planejamento estratégico sempre existiu como trabalho da alta direção de uma instituição. Há uma ênfase em se observar o ambiente e perscrutar o futuro. Isso ocorre porque se percebeu que é necessário estar preparado para mudanças e crises, evitando ser tomado por surpresas que trazem resultados amargos. Quanto mais agudas e frequentes as crises, maior a necessidade de ação da alta cúpula da organização”. (BRASIL, 2016, p. 8).</p>	<p>PLANEJAMENTO</p>
<p>“Quanto ao Apoio Logístico necessário ao emprego da Força Aérea, alinhando-se às diretrizes da Estratégia Nacional de Defesa, que preconizam o trinômio monitoramento (controle), mobilidade e presença como ações básicas a serem desenvolvidas pelas Forças Armadas, a Intendência Operacional está voltada, diretamente, para o apoio ao combatente, desde sua preparação até a atuação real em prol da defesa nacional, diante da possibilidade de efetivação de uma das hipóteses de emprego ou de configuração de situação conflituosa, ou ainda, no engajamento em missões de segurança nacional”. (BRASIL, 2016, p. 65).</p>	<p>INTELIGÊNCIA E LOGÍSTICA</p>
<p>“[...] a política de ciência, tecnologia e inovação para o Comando da Aeronáutica, visa a nortear as ações de produção, desenvolvimento e consolidação do conhecimento no campo aeroespacial, presentes no trinômio ciência, tecnologia e inovação, de forma a contribuir com a geração de capacidade autônoma sustentada de defesa, que esteie o exercício continuado da soberania da Nação brasileira”. (Brasil, 2016, p. 82).</p>	<p>INOVAÇÃO TECNOLÓGICA</p>

Fonte: Adaptado de Machiavelli (1980, p. 33 - 34).

Assim, pode-se depreender que seus pensamentos e princípios possuem relativa atemporalidade e aplicabilidade, mesmo em contextos sequer vislumbrados ao seu tempo.

6 CRÍTICAS A MAQUIAVEL – O ESTRATEGISTA

Deve-se admitir que, nem sempre, Maquiavel foi infalível em seus julgamentos sobre o que era possível e praticável em sua época.

Desde seus escritos, consagrados na Itália do século XVI, e mesmo em nossos dias, ele recebeu um lugar de destaque no desenvolvimento do pensamento militar devido à defesa da conscrição: seu pensamento militar tinha um caráter seminal. Embora a suposição sobre o caráter profético das ideias militares de Maquiavel possa ser agradável para estudantes e admiradores do autor, seria um erro atribuir grande importância à sua defesa da conscrição: sua ideia de exército de conscritos era a da milícia de uma cidade-Estado, uma força militar não totalmente perene, pautada no modelo das antigas cidades-repúblicas, mas dificilmente adequadas para o exército de um Estado com área territorial considerável. Ademais, pelo menos durante dois ou três séculos após Maquiavel, o futuro não pertenceu aos exércitos de conscrição, mas sim aos de mercenários, de profissionais – soldados que ele ridicularizava e desprezava.

Outra crítica possível aos seus pensamentos poderia ser sua apologia ao poderio militar dos romanos de outrora. Sem dúvida, ele não previu o futuro papel destacado da artilharia e o emprego de armas de fogo pelo soldado comum. Os gastos à época no desenvolvimento de uma artilharia pujante eram excessivos, principalmente, em estruturas de cidades-Estado. Embora Maquiavel tivesse consciência das necessidades financeiras de uma potente estrutura militar, não considerou os crescentes custos do equipamento militar, com canhões e espingardas, e, conseqüentemente, a inter-relação do poder econômico com o poder militar na magnitude que o futuro apontava.

A clara compreensão de Maquiavel sobre a natureza da guerra e do papel da instituição militar na estrutura da sociedade é o fundamento de seu pensamento militar. Os problemas levantados por essas questões não são meramente conseqüentes de um período histórico determinado. De forma geral, suas ideias mantiveram sua vitalidade. Em um grau surpreendente, o pensamento militar a partir do século XVI foi construído sobre os fundamentos lançados por Maquiavel. Isso não significa dizer que suas recomendações foram aceitas como verdades definitivas, e contudo não ocorreram outras discussões em oposição aos seus pontos de vista, mas sim ampliações e aprofundamentos de suas ideias.

Todavia há um aspecto no pensamento militar moderno que não só não pode ser ligado ao pensamento de Maquiavel, como também se coloca em clara oposição a ele. O florentino preconizava regras gerais válidas para as estruturas militares de todos os Estados e em qualquer época. Pensamento este de caráter imutável, restabelecido pelo estrategista pós-Napoleão – Jomini. O pensamento militar moderno enfatiza que ações em diferentes circunstâncias históricas devem diferir, e que as instituições militares somente serão satisfatórias quando puderem ser ajustadas à constituição e às condições particulares de um determinado Estado.

No entanto, apesar de serem encontrados pontos genéricos, ou mesmo datados e, conseqüentemente, razoavelmente ultrapassados em seus conceitos estratégicos, é inegável seu caráter inovador e profético em terreno tão inexplorado até então.

7 CONCLUSÃO

Maquiavel não demonstrava ceticismo; demonstrava patriotismo (entendido como defesa de sua terra natal, como relatado em seu último capítulo de **O Príncipe**) e, decorrentemente, era defensor de um exército composto por homens que lutassem por sua terra (MACHIAVELLI, 1990). No campo de estudos militares, sua tese mais fundamental, enfatizada em todos os seus trabalhos, é que as forças militares de um monarca ou de uma república devem ser constituídas por habitantes do Estado que esse exército deve defender.

A ruína atual da Itália não é senão o resultado da dependência dos mercenários. Eles são desunidos, ambiciosos, indisciplinados, desleais, arrogantes em excesso no meio dos amigos, covardes entre inimigos; não há temor a Deus, nem lealdade aos homens. (MACHIAVELLI, 1990, p. 17).

O pré-requisito essencial para o sucesso na guerra – o binômio confiança-disciplina – só pode existir quando os soldados são naturais do mesmo país e viveram junto durante algum tempo. Dessa forma, a primeira medida crucial para a reforma militar imaginada por Maquiavel é a formação pelo país de um exército composto de seus próprios habitantes, para que o Estado tenha *proprie armi*.

Seu pensamento político enquadra-se perfeitamente no inovador contexto renascentista da época que, ao contestar as instituições da Idade Média, retirou o mundo ocidental do estado de estagnação anti-histórica em que permaneceu nesse período. Sua recusa em aceitar a subordinação dos poderes temporais à Igreja corrobora os pensamentos de outros inovadores da época que lançaram as bases para a criação do Estado Moderno. Seus estudos

sobre a *virtù*, *fortuna* e liderança política legaram técnicas de condução dos negócios do Estado, que os homens públicos devem conhecer e dominar a fim de melhor cumprirem sua missão de promover o bem comum.

Destaca-se a clareza de suas regras gerais, estratégicas, que englobam tão vasto cabedal de assuntos militares que, somente muito depois estudados. Por exemplo, sua objetividade sobre a necessidade de uma Inteligência estratégica é reveladora. Sua preocupação com a Logística Militar em uma época em que os exércitos ainda atuavam à distância, somente com a ideia de pilhamento de provisões dos povos conquistados, reforça esse seu caráter inovador. Isso não significa que suas recomendações foram aceitas como a verdade definitiva. Contudo não ocorreram outras discussões em oposição aos seus pontos de vista, mas sim ampliações e aprofundamentos de suas ideias.

Procurou-se, portanto, demonstrar, a partir do estudo sintético realizado, mesmo em campos sequer vislumbrados à época pelo pensador, a clareza e objetividade na propagação de conceitos e ações a empreender no campo estratégico-militar. Seus preceitos e conceitos foram incorporados até mesmo no setor aeroespacial, que sequer podia ser vislumbrado à época do florentino.

Seu caráter visionário (no sentido *lato* de possuir visão de futuro), tanto na Política (principalmente) quanto na Estratégia, confere-lhe a sabedoria que os tornaram os grandes pensadores perenes. O Estado Moderno e seus **exércitos de cidadãos** são provas inequívocas de que não era somente ao tirano que Maquiavel se dirigia e sim, através do Tirano, dirigia-se àqueles que precisavam pensar seus direitos e deveres; ou seja, o povo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. **Plano Estratégico Militar da Aeronáutica (PEMAER) – 2010-2031**. 2010. Disponível em: <<http://www.fab.mil.br/cabine/publicacoes/pemaer.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.
- _____. Ministério da Defesa. Estado-Maior de Defesa. Portaria Normativa n.196/EMD/MD, de 22 de fevereiro de 2007. Aprova o Glossário das Forças Armadas (MD-35-G01). **Boletim do Ministério da Defesa**, Brasília, DF, n. 009, 2 de mar. 2007.
- CARVALHO, E. M. M. (Org.). **O pensamento vivo de Maquiavel**. São Paulo: Ed. Martins Claret, 1986.
- CLAUSEWITZ, C. V. **Da Guerra**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1993.
- _____. **Estratégia**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1980.
- COUTAU-BÉGARIE, H. **Tratado de Estratégia**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010.
- SCOREL, L. **Introdução ao pensamento político de Maquiavel**. Brasília, DF: Ed. UnB, 1979.
- GRAY, C. S. **Strategy in the Contemporary World: an introduction to strategic studies**. London: Oxford University Press, 2002.
- JOMINI, A. H. **Précis de l'Art de la Guerre**. Paris: Éditions Cham Libre, 1977.

MACHIAVELLI, N. **A arte da guerra; A vida de Castrúccio Castrani; Belfagor, o Arquidiabo**. Tradução Sérgio Bath. Brasília, DF: Ed. UnB, 1980.

_____. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução Sérgio Bath. Brasília, DF: Ed. UnB, 1979.

_____. **O Príncipe**. Tradução Roberto Grassi. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

NOVAES, A. (Org.). **A crise do Estado-Nação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

OLIVEIRA, I. A. R. **Teoria Política Moderna: uma introdução**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

PARET, P. **Construtores da estratégia moderna: de Maquiavel à era nuclear**. Vol 1. Tradução Joubert de Oliveira Brízida. Rio de Janeiro: Ed. BIBLIEX, 2001.

PIELLA, G. C. **Entre Ares y Atena: El Debate sobre La Revolución em los Assuntos Militares**. Madrid: Instituto Universitario General Gutiérrez Mellado, 2008.

SOUZA, R. A. S. **Virtù e Fortuna em Maquiavel a partir da obra 'O Príncipe'**. 2014. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/29050/virtu-e-fortuna-em-maquiavel-a-partir-da-obra-o-principe>>. Acesso em: 06 maio 2016.